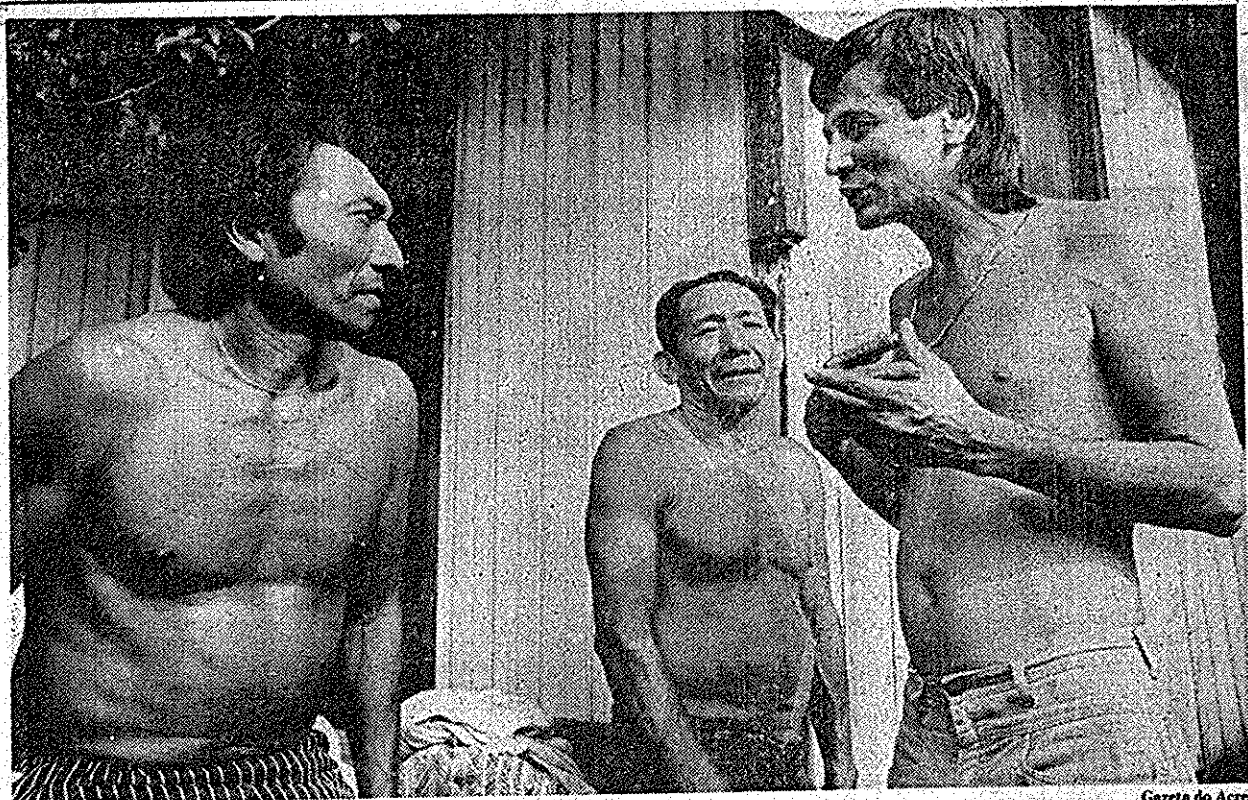


DOMINGO, 25 DE DEZEMBRO DE 1988

Meio Ambiente 0057



Gazeta do Acre

O cacique Getúlio Tenê, à esquerda, e o antropólogo Terry de Aquino: acusações à Funai

Índios arredios estão sendo mortos no Acre

ALTINO MACHADO

RIO BRANCO — Matanças organizadas estão dizimando os índios arredios (sem contato com a civilização) de quase todas as nascentes dos afluentes dos rios Purus e Juruá, na fronteira com o Peru. Imaginava-se que essas matanças já tinham terminado desde 1912 quando se iniciou a queda do ciclo da borracha na Amazônia, mas elas continuam e, por vingança, muitos índios já feriram e mataram seringueiros e outros índios aculturados.

As vinganças têm sido bárbaras: um seringueiro foi decapitado e duas mulheres brancas foram mortas num seringal enquanto seus maridos tinham saído para cortar seringueiras. De uma delas eles arrancaram a cabeça e da outra tiraram o feto de sua barriga e levaram.

Em julho, o índio caxinauá Eliseu Sereno, integrante do conselho de líderes na tribo, foi caçar com mais 25 índios num local tão distante na floresta em que para chegar são necessários três dias de caminhada. Ele encontrou pegadas e mais adiante viu dois índios carregando uma mala cheia de roupas, redes, terçados e painéis. Os índios foram mortos, mas no dia seguinte os cadáveres tinham sumido quando eles retornaram. Provavelmente os caxinauás vieram e levaram os corpos para enterrar ou comer (um costume antigo da tribo).

Os índios caxinauás deno-

minam os outros que estão isolados de jaminauás e dizem que eles andam nus, seus cabelos atingem o ombro, mas a cabeça é raspada no centro e por isso são chamados de coroados pelos seringueiros. As mulheres usam apenas uma tanga, e os jaminauás, que também já são aculturados, fazem a mesma descrição dos arredios, chamados por eles de mascos.

O estado de guerra com os arredios tem causado prejuízos consideráveis aos 900 índios caxinauás. Antes disso eles chegavam a produzir 22 toneladas de borracha por ano, mas foram obrigados a abandonar os dois seringais mais produtivos com medo dos arredios e sua produção caiu para a metade.

Logo após a matança dos dois índios em julho, Getúlio Tenê, cacique caxinauá, reuniu a tribo para discutir o assunto porque acredita que uma vingança estivesse sendo preparada. Na reunião, seringueiros, índios e brancos condicionaram o corte de seringa à formação de uma ronda permanente de 15 ou 20 índios para caçar os arredios. O cacique lembrou que os indigenistas não querem que se matem mais índios e sugeriu pedir ajuda à Funai em Rio Branco. Mas, segundo afirmou, "o chefe da Funai disse que não pode fazer nada". Getúlio acrescentou que o administrador da Funai prefere as matanças enquanto financia a derrubada de madeiras.

Em Rio Branco, o administrador da Funai, Slowacki de

Assis, admite as matanças nos afluentes dos rios Purus e Juruá, mas para ele isso tem ocorrido esporadicamente e é explorado pelo antropólogo Terry Valle de Aquino, da Comissão Pró-Índio. As correrias (matanças) eram determinadas no início pelos patrões dos seringais para garantir a ocupação branca das terras habitadas pelos índios e transformá-los em mão-de-obra escrava. Elas se iniciavam sempre depois que os índios roubavam barracas dos seringueiros e atacavam madeireiros para defender suas terras.

Em 1987, a Funai formou uma frente da atração dos índios isolados da região entre as cabeceiras dos rios Breu, Jordão, Humaitá e Envira, mas esbarrou numa questão complicada, segundo disse o sertanista José Carlos dos Reis Mendes Meireles: a fronteira com o Peru. Os grupos indígenas, entre eles os campas, consideram os dois países como áreas suas. Do lado brasileiro, a Funai acredita ter a situação sob controle, mas do lado peruano é grande a exploração dos grupos madeireiros. Eles utilizam tratores e empurram as populações indígenas para o Brasil.

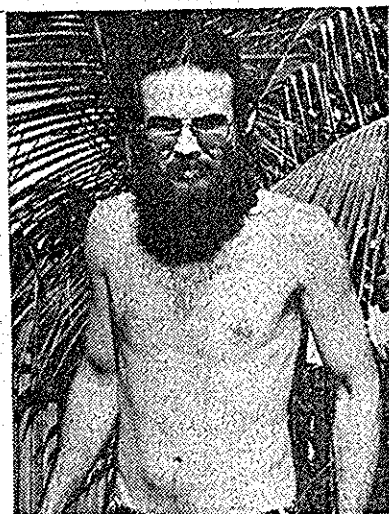
No Acre, o antropólogo Terry Aquino afirmou que a Funai desenvolve no estado um projeto para transformar os índios iauanauás em madeireiros e fazendeiros. Segundo ele, estão previstos Cz\$ 42,5 milhões de investimentos na aldeia do rio Gregório, afluente do Juruá.

Sertanista denuncia desde 84

Em 1984, o sertanista José Carlos dos Reis Meireles preparou um relatório sobre os índios arredios e nômades e as lutas que ocorrem na região. Em seguida alguns trechos desse relatório:

"Nas cabeceiras dos rios Yaco, Chandless, Purus e Tauhamanu, segundo os índios jaminauás mais velhos, existem bandos de índios brabos e nômades, por eles denominados mascos. Encontros esporádicos entre eles e os mascos têm ocorrido, sempre com mortes de ambos os lados."

"Há coisa de sete ou oito anos atrás alguns jaminauás mataram de tiros de arma de fogo alguns mascos, dentro do igarapé de Moa, na área do posto indígena mamoadate. Eu mesmo já encontrei acampamentos desses índios brabos nas cabeceiras do Yaco, igarapé Abismo para cima. Esse igarapé e suas redondezas poderíamos chamar de 'grande supermercado de abastecimento' dos jaminauás e manchineri do posto indígena mamoadate, que fre-



Marco Antonio Mendes

Meireles: lutas constantes

quentemente sobem o rio Yaco para se abastecerem de caça e pesca, abundantes na área".

De acordo com o levantamento do sertanista, "os mascos aparecem na região do Yaco sem regularidade e quando o fazem, no começo de junho, é a

época na qual os funcionários do posto indígena Mamoadate se preparam para subir o rio à procura de caça, peixe e ovos de tracajá". O relatório do sertanista lembra o encontro em 1984 do índio Otávio Brasil Manchineri, que estava acampado com dois companheiros na foz do igarapé do Moa com o rio Yaco, com um grupo de pelo menos 40 mascos. Ele não viu mulheres nem crianças.

"Assustado — acrescenta — fugiu e foi perseguido pelos indígenas que tinham maços de flechas amarradas e logo que o viram começaram a desatá-las. Mesmo armado de um rifle calibre 22 com sete balas, Otávio não deu nenhum tiro. Com os dois amigos tentou enfrentar os mascos que segundo Otávio são fortes, entroncados e não muito altos. Usam cabelos cortados na altura do pescoço com franjas aparadas na testa. Todos usam um colar de dentes. No conflito um masco foi morto, mas três conseguiram fugir descendo pela margem do Yaco a pé.